

AS FORMAS DO SILÊNCIO, 30 ANOS

The forms of silence, 30 years

DOI 10.20396/lil.v25inesp.8671483

Freda Indursky¹

UFRGS

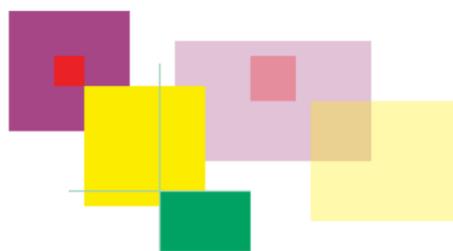
*A palavra imprime-se
no continuum significante do silêncio
e ela o marca, o segmenta, e o distingue
em sentidos discretos.*

Eni P. Orlandi

Tenho o imenso prazer de apresentar este número especial da Revista *Línguas e Instrumentos Linguísticos* que tive a honra de organizar em celebração aos 30 anos da obra *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*, da pesquisadora e analista de discurso, Professora Eni Puccinelli Orlandi. Publicado pela Ed. da Unicamp em 1992, recebeu o Prêmio Jabuti de Ciências Humanas, em 1993. E, ao longo desses 30 anos, essa obra pulsante tem cumprido uma jornada muito intensa e inspiradora.

O *silêncio* tal como teorizado por Eni P. Orlandi não representa o sem som, o vazio, pausas ou hesitações, nem tampouco a ausência de sentido. Ao contrário. O silêncio significa, ele é fundante. E ninguém melhor do que a própria autora para me guiar por entre as reflexões que vou trazer d'*As formas do silêncio*. Por esta razão, vou entrelaçar diretamente a reflexão de Eni a minha apresentação dessa obra fundamental.

¹ Licenciada em Letras pela UFRGS, Mestre pela Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Université de Besançon, França e Doutora em Ciências da Linguagem pelo IEL/UNICAMP. É Professora Titular pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/UFRGS. Atua como professora convidada junto ao PPG-Letras da UFRGS, onde orienta doutorandos em Análise do Discurso. Produziu inúmeros artigos em diferentes periódicos, organizou vários livros e publicou *A fala dos quartéis e as outras vozes* (Ed. da Unicamp) e *O discurso do/sobre o MST: movimento social, mídia, sujeito* (Pontes). Seu atual projeto de pesquisa é *O papel das mídias na sociedade brasileira contemporânea*.



Por ser *inesperado* o sentido de *silêncio* como *um continuum significante*² que a palavra recorta, esse *pequeno-grande livro* ganhou condições para agitar os saberes bem estabelecidos, até então, no campo dos Estudos da Linguagem, fazendo jus ao seu subtítulo: o silêncio movimenta sentidos e desacomoda saberes.

Trata-se, no meu entendimento, de um *livro-acontecimento*, no sentido de *acontecimento discursivo*, tal como formulado por Michel Pêcheux - “*o acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória*” (PÊCHEUX, 1990, p.17).

Vejamos um pouco mais de perto como e onde se instaurou este acontecimento. Eni P. Orlandi, ao produzir sua reflexão sobre o silêncio, resgatou o que os linguistas descartaram. Sua reflexão, como diria Pêcheux ([1966] 2011, p. 21), se deu à luz das “condições atuais da divisão do trabalho intelectual”, inaugurando uma reflexão crítica sobre o fazer teórico dos Estudos Linguísticos e da Linguagem. Esse é o acontecimento. E Orlandi pontua: *pensar o silêncio é um esforço contra a hegemonia do formalismo*³ e *representa um esforço contra o positivismo na observação dos fatos de linguagem*⁴.

Silêncio, tal como proposto por Orlandi, não corresponde àquilo que, por não acrescentar nada de novo e/ou essencial, não é pertinente linguisticamente e, por conseguinte, pode ser descartado, como ocorre com a elipse. Tampouco coincide com o implícito que *se define em relação ao dizer*. Nem se confunde com *o não-dito que sustenta o dizer*⁵. Essa é a memória à qual se contrapõe a teorização de Eni P. Orlandi.

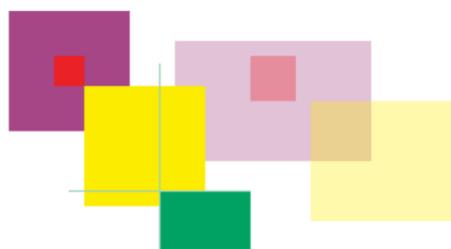
O encontro entre essa memória e a teorização sobre o silêncio agitou as fileiras dos saberes, produzindo um acontecimento discursivo no interior do campo teórico da Análise de Discurso, na medida em que inaugurou um novo modo de pensar como o sentido se

²Orlandi, 1992, p.25.

³ *Idem*, p.46.

⁴ *Idem*, p.47.

⁵ *Idem*, p.106.



materializa: *Sem silêncio não há sentido*⁶. *O silêncio não fala, ele significa*⁷. *No silêncio, o sentido é. O silêncio é fundador*⁸. E por ele ser, *o silêncio é não-um, ele é muitos*⁹.

Assim refletindo sobre o silêncio, Orlandi produz um gesto de resistência teórica desde a primeira frase que abre o primeiro capítulo d' *As formas: No início é o silêncio. A linguagem veio depois*¹⁰. *O silêncio atravessa as palavras e existe entre elas*¹¹.

A autora postula que o silêncio apresenta uma materialidade simbólica específica, dotada de opacidade, que não se confunde com a materialidade das palavras. *O silêncio não é o nada, não é o vazio. É silêncio significante*¹². *O silêncio não é interpretável, mas compreensível*¹³. E, acrescenta que

pensar o silêncio é traçar um limite à redução da significação ao paradigma da linguagem verbal. Isto significa propor uma descentração do verbal, (...) enquanto espaço privilegiado de significação (ORLANDI, 1992, p. 52). (Os destaques são meus).

Em seu estudo fundante sobre o *silêncio*, Orlandi observa o *movimento dos sentidos* e o modo como ele instaura efeitos pelo viés da incompletude da linguagem. E a autora salienta que é através da *relação do imaginário com o real que podemos apreender a especificidade do silêncio, sua opacidade, seu trabalho no processo de significação*¹⁴. Dessa observação decorre a constatação de que o silêncio pode assumir diferentes formas.

Sua primeira dimensão é o *silencio fundador, aquele que existe nas palavras*, é o silêncio significante, que garante o movimento dos sentidos, ele é *a possibilidade para o*

⁶ *Idem*, p.55

⁷ *Idem*, p.105

⁸ *Idem*, p.74

⁹ *Idem*, p.15

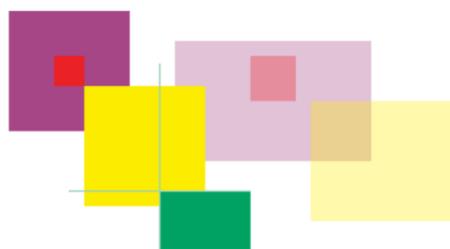
¹⁰ *Idem*, p.29

¹¹ *Idem*, p.14

¹² *Idem*, p.23

¹³ *Idem*, p.51

¹⁴ *Idem*, p. 16



*sujeito trabalhar sua contradição constitutiva*¹⁵, fazendo-se presente em todos os processos de significação.

A segunda dimensão do silêncio apontada por Orlandi subdivide-se entre o silêncio *constitutivo*, o que indica que para dizer é preciso não-dizer¹⁶ e o *silêncio local*, que implica censura e silenciamento, entendidos como um silêncio que é imposto, um silêncio que amordaça para não permitir dizer. A compreensão do silêncio não implica, pois, *atribuir-lhe um sentido metafórico em sua relação ao dizer (“traduzir” o silêncio em palavras) mas conhecer os processos de significação que ele põe em jogo*¹⁷.

Como pode-se perceber de tudo quanto precede, *As formas do silêncio* resultam de um consistente trabalho de elaboração teórica que enlaça *silêncio* em suas diferentes formas às demais noções que constituem o corpo teórico da Análise de Discurso.

Proponho, a seguir, que acompanhemos um pouco mais de perto a aventura teórica percorrida por este *livro-acontecimento* em seus 30 anos de existência inspiradora.

As formas do silêncio atravessaram o Atlântico pela primeira vez, em 1996, com o título *Les formes du silence. Dans le Mouvement du sens*, sendo publicado, na França, pelas Éditions des Cendres, a editora que publicou Pêcheux. Em solo francês, ganhou uma resenha assinada por Sonia Branca-Rosoff na Revue *Langage & Société*. Dela trago a passagem a seguir:

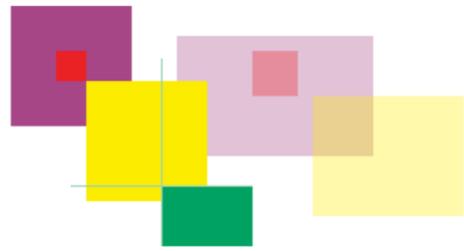
O silêncio como fundador do sentido é *um tema que poderia levar a refazer toda a história das ciências da linguagem*, ao mostrar como a tradição ocidental se serve do silêncio como de uma espécie de muleta, sem jamais interessar-se por ele mesmo. (BRANCA-ROSOFF, 1996, p.101). (Citação traduzida por mim. Os destaques são meus).

Como podemos perceber, *As formas do silêncio* provocaram, na França, o mesmo *efeito de inesperado* que produziram no Brasil. Penso, pois, que tanto lá como aqui esse é um *livro- acontecimento*.

¹⁵ *Idem*, p. 23

¹⁶ *Idem*, p.24

¹⁷ *Idem*, p.52



Foi lido nesse mesmo ano pelo coreógrafo Georges Appaix que, inspirado pela escritura poética de *Les formes du silence. Dans le mouvement du sens*, Appaix, criou uma coreografia intitulada *Je ne sais quoi*, cuja tradução poderia ser “Um não sei o quê”. Essa peça foi encenada em 1996, por sua Companhia de Dança Contemporânea, La Liseuse, em Marseille e, em 1997, foi apresentada no Théâtre de la Bastille, em Paris, contando com Eni entre os espectadores.

Em uma entrevista, à pergunta *Qual é seu tema?*, Georges Appaix respondeu que gosta de tomar pinturas, literatura, poesia como ponto de partida para a criação de suas coreografias. E, a propósito do título *Je ne sais quoi*, ele acrescentou:

Trabalhei com frases. Tu tomas uma pequena frase, ela abre um espaço mental. É exatamente um *ponto* (o *punctum* de Barthes¹⁸). Um ponto que circula, um ponto nômade. Este *não sei o quê* que percebemos em um ensaio, em uma voz, em um movimento, e que tentamos reter quase que em vão. Um modo de dançar com um *Je ne sais quoi* de único¹⁹.

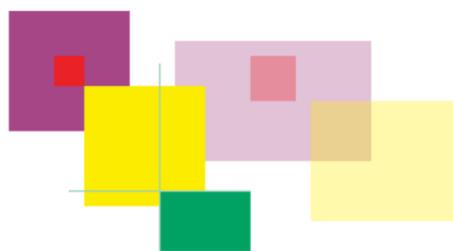
Essa entrevista sustenta, uma vez mais, o que estou designando de *livro-acontecimento*. *As formas do silêncio*, ao produzirem impacto, desestabilizam a naturalização de sentidos sedimentados e a reflexão de Georges Appaix permite captar o efeito que esse livro produziu, ultrapassando o campo dos estudos da linguagem.

Mais recentemente, *As formas do silêncio* atravessaram novamente o Atlântico, desta vez rumo à Itália, onde, em 2016, ganhou tradução com o título *Le forme del silenzio nel movimento del senso*, publicada pela Aracne Editrice.

As formas do silêncio representam um espaço de reflexão tão impactante que, a cada nova leitura, voltamos a nos surpreender, voltamos a nos deparar com o *inesperado*, com algo que se apresenta como se fosse percebido pela primeira vez. E assim, o acontecimento discursivo se renova.

¹⁸ BARTHES, R. *A câmara clara. Notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

¹⁹A tradução é minha. Para acessar: <https://www.laliseuse.org/Silence.html>



Por tudo quanto precede, considero que este livro-acontecimento com sua reflexão forte, fundamental e original tem sido inspirador de artigos e teses, abrindo espaço inclusive para desdobramentos.

Para marcar a pujança da reflexão teórica d'*As formas do silêncio*, foi concebido um número especial da *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, para o qual pesquisadores que tomam o *silêncio* como objeto de reflexão e análise em seu trabalho de pesquisa foram convidados.

Confesso que não é tarefa fácil organizar um periódico que, necessariamente, tem um número limitado de artigos. Convidar um implica excluir inúmeros outros pesquisadores. Isso provocou em mim uma grande aflição e, em função disso, precisei criar critérios.

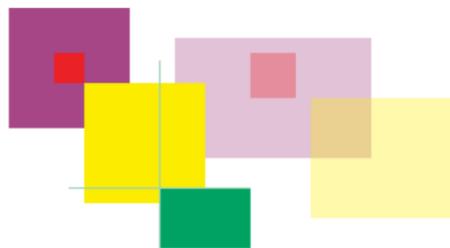
O primeiro deles foi entender que os articulistas devem ser pesquisadores-doutores, filiados a uma Instituição na qual a Análise de Discurso é objeto de ensino/pesquisa.

O segundo critério definiu que os articulistas devem representar diferentes gerações de analistas de discurso. Creio ter cumprido este critério, pois apenas oito dos 18 artigos que constituem este número especial foram assinados por pesquisadores que pertencem à primeira geração de analistas brasileiros formados por Eni P. Orlandi.

O terceiro critério foi de ordem territorial: os articulistas, na medida do possível, deveriam estar filiados a diferentes Instituições, distribuídas de norte a sul do Brasil. Os pesquisadores aqui reunidos se distribuem por diferentes Instituições do sul (RS, SC e PR), do sudeste (SP, RJ e MG), do centro (MT) do nordeste (AL, BA, PE e MA) e norte do Brasil (RO). Desejava, também, poder contar com pesquisadores latino-americanos. Integram este número especial da LIL uma pesquisadora do Uruguai e outra de Cuba.

O quarto critério foi buscar contribuições que evidenciassem a multiplicidade de territórios temáticos, bem como a diversidade de materialidades significantes com que se trabalha no campo brasileiro da análise de discurso. E os artigos reunidos para esta celebração tomam as diferentes formas do silêncio para analisar seus objetos e/ou arquivos.

Dentre as diferentes possibilidades de ordenar este conjunto de artigos, optei por iniciar pelas reflexões em torno de língua, instrumentos linguísticos, políticas de língua, resistência, leitura e autoria, continuei pela arte e a cultura para, só então, trazer o modo como



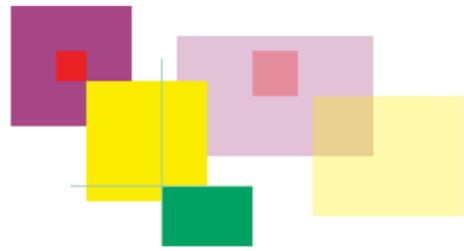
História e Política se enredam no fazer do analista de discurso. Passemos, pois, aos pesquisadores e suas contribuições. Desejo a todos uma ótima leitura!

Tania Conceição Clemente de Souza (Museu Nacional/PPG em Linguística/UFRJ) em seu artigo *Povos originários: entre a língua do direito e o direito à língua*, discute o modo como os povos originários vêm sendo exterminados e, juntamente com eles, suas línguas, culturas e saberes são silenciados pela falta de uma política de línguas - “O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso” (ORLANDI, 1992, p. 105). Silêncio este imposto por um colonialismo linguístico vigente que sistematicamente ignora o direito à língua dos povos originários.

José Horta Nunes (LABEURB/NUDECRI/UNICAMP), em *Dicionário, silêncio e história*, percorre o *arquivo lexicográfico brasileiro*, tomando-o como um observatório através do qual reflete sobre o modo como o silêncio interveio no processo de dicionarização do léxico brasileiro. O autor produz, a partir da concepção de silêncio formulada por Orlandi - “Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido” (ORLANDI, 1992, p. 11) - vários desdobramentos dessa noção, apontando funcionamentos diversos do silêncio nesse arquivo.

Solange Mittmann (DECLAVE/PPGL/UFRGS), ao trabalhar com *A tradução militante feminista e o silêncio*, parte da reflexão de Orlandi - *O silêncio [...] atua na passagem (des-vão) entre pensamento-palavra-e-coisa*” (ORLANDI, 1992, p.39) - para refletir sobre a *tradução e o processo tradutório* que a autora situa no *vão*, no espaço do silêncio que a tradução demanda. Toma como objeto de análise e reflexão a tradução militante feminista que instaura o encontro entre saberes feministas e saberes sobre a tradução, funcionando como ferramenta de militância, ao preencher lacunas da história das mulheres, uma história sistematicamente silenciada e apagada.

Élcio Aloísio Fragoso (UNIR) e **Ângela Corrêa Ferreira Baalbaki** (UERJ), com o artigo *Silenciamento e línguas de sinais: memória e produção de conhecimento*, propõem uma reflexão sobre o silenciamento que o conhecimento produzido pela linguística impôs às línguas de sinais - “A política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 1992, p.75). Essas línguas, ao serem consideradas gestuais, são

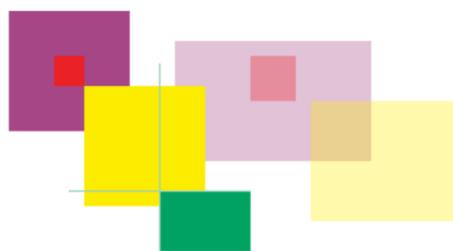


interditadas com base na comparação que delas fizeram com as línguas faladas, consideradas superiores.

Solange M. Leda Gallo (UNISUL/Florianópolis) e **Vitor Pequeno** (USF/Bragança Paulista/SP) em *Redes sociais, autoria e silêncio*, refletem sobre a autoria em diferentes materialidades. Gallo parte do efeito-autor na instância da circulação, passa pela função-autor nas instâncias da formulação e constituição para forjar sua noção de *escritorialidade*, constituída nos espaços enunciativos informatizados. Essa noção articula materialidade técnica digital e materialidade discursiva. Para Pequeno, as relações entre autoria, silêncio e tecnologia digital aportam especificidades próprias aos arquivos digitais, reorganizando o campo de possibilidades de dizer e de coisas-a-saber, e a autoria aí não se produz por legitimidade, mas por injunção às normatizações técnicas, daí decorrendo um novo tipo de silêncio que, para Gallo, invisibiliza o sujeito que não se identifica à forma de consumo.

Eduardo Alves Rodrigues (LABEURB/UNICAMP; GELS-UFU/CNPq) e **Carmen Agustini** (UFU/GELS-UFU/CNPq), em *Ler o silêncio entre franjas e frestas*, propõem trabalhar a leitura discursiva, colocando em prática o estatuto do silêncio para apreender na/pela leitura o movimento constitutivo entre silêncio e linguagem. Para tanto, sugerem uma *experimentação teórico-metodológica* que explore a relação silêncio/leitura através da construção de um *dispositivo de análise para leitura* que recubra diferentes modos de ler, trazendo de Orlandi as noções de *inteligível, interpretável e compreensível*. Assim procedendo, buscam tornar compreensível como silêncio, sentido e linguagem se relacionam de modo constitutivo. Ler com um dispositivo de análise significa construir um possível aos sentidos – “*O sentido não é um, é muitos*” (ORLANDI, 1992, p.161) - mantendo aberta a relação com o simbólico, com o silêncio e com a historicidade.

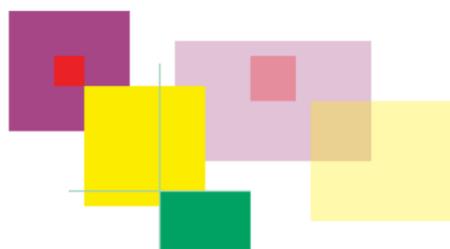
Fabiele Stockmans De Nardi (UFPE), em *Sobre o silêncio e a(s) língua(s): um gesto de leitura*, faz um percurso pelos modos de pensar a língua em Análise do Discurso para discutir o silêncio das/nas línguas, o silêncio sobre as línguas, pensando especialmente a partir de um olhar sobre a educação em línguas e o que sobre ela podemos dizer a partir da Análise do discurso. Reflete sobre a língua em seu caráter material e o estatuto do real em sua relação com o silêncio, perguntando-se sobre os necessários espaços de escuta do silêncio ao trabalhar as/sobre a(s) língua(s).



Bethania Mariani (UFF/CNPq/ FAPERJ), em *O silêncio, Miró e um rio. Ou, como formular efeitos sem palavras*, propõe uma reflexão sobre o *silêncio fundador*. Para tanto, a autora traz da Psicanálise a noção de *lalíngua* e a reflexão sobre o *olhar*, associando-as às noções de *dito* e *não-dito* como pensadas por Orlandi em *As formas do Silêncio*. Com esse conjunto de noções, analisa a tela *Paisagem* de Miró, o conto *A terceira Margem do Rio* de Guimarães Rosa bem como a canção *Terceira Margem do Rio* de Caetano Veloso e Milton Nascimento. Através desses objetos tece sua reflexão pensando o modo como o silêncio fundador (ou seria *fundamdor*?) atravessa a espessura de suas materialidades.

Ana Iris Díaz Martinez (Universidad Central Marta Abreu de las Villas (UCLV), Cuba, em seu artigo *La experiencia estética del silencio en la poesía de Dulce María Loynaz*, trabalha diferentes variantes do silêncio na obra daquela que considera uma das maiores poetisas cubanas. Para analisar essa obra lírica, observa o trabalho estético que nela se tece pelo entrelaçamento entre palavras e silêncios, instituindo, desse modo, uma retórica do silêncio – “*No estamos en las palabras para hablar sobre ellas o sobre sus contenidos, sino para hablar con ellas*” (ORLANDI, 2021, p.14) – Ao analisar o silêncio como tópico dessa obra lírica, a autora produz um contraponto crítico ao modo como a recepção de obras líricas tem se centrado nas formas verbais em detrimento de outras formas como o silêncio enquanto materialidade polissêmica.

Gloria França (UFMA- Bacabal/GEPEDIS/CNPq) e **Tyara Veriato Chaves** (PPG-Letras UFMA-Bacabal (FAPEMA)/GEPEDIS/CNPq) em *Brasilidade, encantaria e resistência: o silêncio e essa “coisa de outra ordem”*, fundamentam sua análise numa perspectiva discursiva que intersecciona/questiona discursos sustentados na colonialidade (GONZALEZ, 1984; SIMAS, 2019), considerando incontornável o conceito de *silêncio* elaborado por Orlandi (1992) para compor uma reflexão que busque pensar a complexa formação social brasileira. Na busca dessa brasilidade, muitas vezes silenciada e que dribla um Brasil oficial, com seu *carrego colonial*, a noção de silêncio abre caminhos para que o possível seja puro movimento dos sentidos, cujas formas apontam tanto para as práticas coloniais/contemporâneas de silenciamento e esquecimento, como para movimentos-outros que passam pelo encanto das cantorias, das giras, dos corpos dançantes, das brincadeiras, dos tambores, de uma *brasilidade* que fala de outros jeitos, fala com o corpo, com os aldeamentos, fala em outro tom.

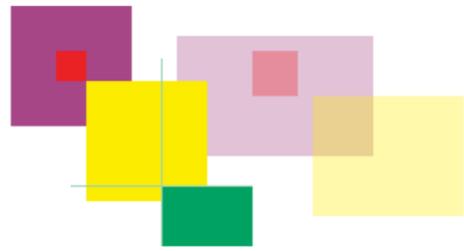


Rodrigo Oliveira Fonseca (UFSB), em seu artigo *História, silêncio e condições interdiscursivas da produção do discurso*, reflete sobre o silêncio que determina o fazer do historiador, posto que este é constitutivo do arquivo historiográfico. Esse atravessamento do silêncio determina suas condições de produção. – “*O método de que necessitamos deve ser ‘histórico’ e fazer apelo à ‘interdiscursividade’, trabalhando com os entremeios, os reflexos indiretos, os efeitos*” (ORLANDI, 1992, p. 57). O historiador necessita fazer um recuo para compreender o que não está representado, atravessado pelo silêncio, mas compreensível, sem esquecer de questionar-se sobre o que deve (o que pode?) ser entendido a partir dos vestígios encontrados.

Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL/CNPq/Gedon), no artigo *Política e crise econômica: o capital e suas formas de dizer e de silenciar*, analisa as entrevistas feitas por William Bonner e Renata Vasconcellos, no Jornal Nacional da Rede Globo, com os candidatos Lula e Bolsonaro, durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2022. Para tanto, recortou passagens da entrevista em que os candidatos foram questionados sobre política e economia. A partir desses recortes, Helson Silva observou o modo como os dois entrevistadores formularam suas questões e como os candidatos refletiram sobre o discurso político e econômico na sociedade brasileira capitalista, buscando compreender como o funcionamento do silêncio – “*O silêncio não é interpretável, mas compreensível*” (ORLANDI, 1992, p.51) - se atravessou nos modos de dizer dos dois candidatos e de seus entrevistadores, apagando e/ou controlando os sentidos de *crise*.

Maria Cleci Venturini (UNICENTRO/UFPR), em *Holocausto e silêncio em (dis)curso*, trabalha com diferentes nomeações que concorrem entre em si: *Holocausto, Shoah e Churban*. Cada uma delas se inscreve em diferentes redes de memória e sentidos, atravessadas por silêncios e apagamentos - “*Se ao falar sempre afastamos sentidos indesejados, para compreender um discurso devemos perguntar sistematicamente o que ele ‘cala’*” (ORLANDI, 1992, p. 160). Essa multiplicidade/superposição de nomeações denuncia a impossibilidade de nomear o inominável, o indizível. O que tais designações dizem, gerenciando sentidos e memória, é o que está em pauta nesse artigo.

Alma Bolón Pedretti, em seu artigo *Las formas del silencio, la marcha del silencio* (Universidad de la República), Montevideo, retoma uma reflexão de 1992 sobre os Direitos Humanos para refletir sobre seu estado da arte nos dias atuais. Durante a ditadura, no Uruguai, as forças políticas e sindicais foram paralisadas. Com a restauração da Democracia,

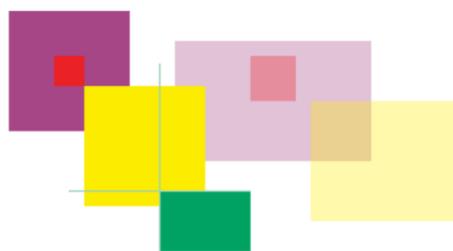


instalou-se o silêncio sobre os crimes do Estado contra os que lhe resistiram. O sintagma *Direitos Humanos* foi reduzido a *Direitos*. – “Para compreender um discurso devemos perguntar sistematicamente o que ele “cala” (ORLANDI, 1992, p. 160). E a autora aponta que o par *vítima/torturador*, ao ser eliminado/silenciado, substituiu os *Direitos Humanos* por uma agenda inesgotável de *direitos individuais*: *direito à diversidade*; *direito à analgesia no parto*, *direito à segurança*, que continuam silenciando os Direitos Humanos no Uruguai.

Águeda Aparecida da Cruz Borges (UFMT/CUA-CNPq), em *O silêncio constitutivo do posseiro: um destino histórico*, reflete sobre a posse e o uso da terra desde os tempos do Brasil Colônia e o modo como a conquista territorial se deu à luz da evangelização. Centra sua reflexão no Araguaia Mato-Grossense, mais especificamente, nos *posseiros* que vêm resistindo à *política do silêncio* em que a relação *terra/trabalho* é silenciada por *mão de obra*; *moradia por emprego*; *terra para trabalhar por propriedade*; *posseiro*, o que *está na terra*, por *fora da lei*; *latifúndio por agronegócio*. Desse modo, a memória discursiva vai se inscrevendo na língua, ao atualizar o passado e projetar outros sentidos sobre esse sujeito que não cessa de resistir e lutar pela terra.

Andréia da Silva Daltoé (PPG em Ciências da Linguagem/UNISUL/Tubarão/SC), em seu artigo *O funcionamento da interlocução na Comissão da Verdade e no Escola sem Partido: entre silêncio, respiro e sufoco*, analisa a (im)possibilidade do processo de interlocução em dois objetos de observação: Comissões da Verdade (CV) e Escola Sem Partido (ESP). No caso das CV, suas análises iluminam uma não-simetria entre o Estado e suas vítimas, em função do contínuo silêncio de 50 anos - “A intervenção do silêncio faz aparecer a falta de simetria entre os interlocutores” (ORLANDI, 1992, p.50), expondo, desse modo, uma cena política atravessada por jogos de relação de poder. Já no ESP, a interlocução não se constituiu, o discurso-outro foi reduzido ao silêncio, impedido de participar da cena discursiva política.

Carolina Fernandes (UNIPAMPA), em *As formas do silêncio na era da pós-verdade: Mídia digital, Pseudonotícias e Fake News*, discute inicialmente o surgimento e a proliferação do discurso de ódio e de notícias falsas nas redes sociais à luz de noções cunhadas em *As formas do silêncio*, articulando-as à noção de *real*. Num segundo momento, analisa uma matéria publicada na mídia digital *O Jornal da Cidade*, cotejando o funcionamento discursivo deste artigo ao funcionamento das *fake news*. A análise dessa matéria mostra que o funcionamento discursivo adotado é idêntico ao das *fake news*, porém, por tratar-se de uma



matéria jornalística, a autora entende tratar-se de uma *pseudonotícia*, distinguindo, assim, seu funcionamento das *fake news*.

Ana Maria Di Renzo (UNEMAT/UNIFACC), em seu artigo *A cidade, o silêncio e os imigrantes*, toma as noções *cidade* e *silêncio*, tal como formuladas por Eni P. Orlandi, para refletir sobre as recentes ondas imigratórias de venezuelanos, em especial ao norte do Brasil, onde atravessam a fronteira em Roraima, chegando, posteriormente, a Estados como o Mato Grosso e à cidade de Cuiabá. A autora analisa como o discurso urbano afeta e é afetado pela presença desses imigrantes e reflete sobre o modo como eles são significados nos espaços citadinos de Cuiabá.

Os artigos aqui reunidos trouxeram reflexões fortes em que a noção de silêncio, em suas diferentes formas, comparece, produzindo ecos e mesmo desdobramentos. Trata-se de um conjunto de artigos em que *As formas do silêncio* reverberam, colocando em cena o político e suas divisões do sentido e dos sujeitos, trazendo análises que buscam apreender o modo como o silêncio, em sua espessura, atravessa e constitui esses objetos, fazendo movimentar os sentidos e produzindo novos desdobramentos para essa noção. Trata-se de uma pequena mostra do que a obra inspiradora e pulsante de Eni Orlandi tem provocado e aponta para os muitos desdobramentos que ainda estão por vir.

Referências bibliográficas

BRANCA-ROSOFF, S. Les formes du silence. Dans le mouvement du sens. **Revue Langage & Société**, Paris, n.77, p. 101-105, 1996. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lsoc_0181-4095_1996_num_77_1_2754. Acesso em: 28.09.2022.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**. No movimento dos sentidos. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

ORLANDI, E. P. **Las formas del silencio en el movimiento de los sentidos**. Campinas: Pontes, 2021.

PÊCHEUX, M. Reflexões sobre a situação teórica das Ciências Sociais e, especialmente, da Psicologia Social. In: **Análise de discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni P. Orlandi**. Campinas: Pontes, [1966]2011.

PÊCHEUX, M **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, [1983]1990.